

Namorados na Chuva

15-3-66

Rubem Braga

E FAZER crônica não dá trabalho! Eu poderia estar ouvindo música, lendo um bom livro, batendo um papo com algum amigo e estou aqui há mais de uma hora lendo jornal, pensando umas coisas vagas, procurando um assunto qualquer para escrever.

Não acho. Vou à varanda, o mar está feio e triste, um vento sueste estragou a praia de hoje. Há dois pardais feios no telhado; joga-lhes miolo de pão, eles se assustam, voam até um telhado vizinho; depois, como fico imóvel, eles voltam. Preciso mandar buscar meu galo-de-campina. Ele me foi dado de presente, mas era tão selvagem, tão espantado e tão triste que não quis ficar com ele. Pedi a um casal amigo, feliz casal que tem marianinha e rouxinol do Amazonas passeando pela sala, para agasalhar meu galo-de-campina, ensinar o bichinho a cantar e a ser manso. Já terá aprendido?

Um amigo me prometeu um bicudo; minha experiência diz, entretanto, que bicudo bom ninguém dá, nem vende. Bicudo tem de ser uma criação da gente; é conversando, e um pouco brigando com a gente, que ele se afeiçoa, se forma, se engrena em suas virtudes e em nosso carinho.

Mas como falar ao leitor de passarinhos que não tenho? Na verdade meu pensamento divaga entre a economia e a política, penso também em certo amigo, mas há uma cena de ontem, à noite, que me comoveu.

Foi numa esquina da rua quase deserta; chovia. Eu vinha para casa apressado, por causa da chuva, quando vi um casal de namorados. Não estava sob nenhum toldo ou marquisa, mas simplesmente na chuva. Ela falava, ele passava a mão pelo seu rosto e pelos seus cabelos.

O vento era frio, a chuva não era muito grossa mas era de molhar mesmo — e eles estavam ali, um pouco afastados da luz do poste, junto à grade de um jardim, tão quietos, tão entretidos e perdidos em seu sonho como se os abençoasse um sol dourado ou uma lua cor de prata.

Quando cheguei perto, desviei os olhos, para não os incomodar. Entrei no café da esquina, comprei cigarros, e, como sentia os pés úmidos, pedi uma bagaceira e fiquei a sorvê-la aos goles no balcão, conversando com o velho garçom.

Será que o Garrincha ainda vai dar no couro, ou ele perdeu para sempre aquele pique fantástico? E Jairzinho, viu ele jogando contra o São Paulo, na televisão?

A conversa foi indo, tomei outra bagaceira, despedi-me, atravessei a rua para vir para casa. Como vinha um carro, olhei para a esquerda. Lá estava, no mesmo lugar, o casal de namorados: ele de roupa escura, ela de saia e blusa. Continuavam os dois sob a chuva — ela falando baixo, ele passando a mão pelo seu rosto, pelos seus cabelos. Continuavam no mesmo enleio, indiferentes ao vento e à chuva — humildes, felizes e, sem o saber, eternos.

M 479

DN 9.7.58

CM 23.1.55

Radio 9.9.61

DN Abril 69